20011-5T

18-38201

SERMAÕ

QUE

NO DIA 4 DE JULHO DE 1822

ANNIVERSARIO DO REGRESSO

DE

SUA MAGESTADE

O S.R REI D. JOAÕ VI.

E SEU LIVRE JURAMENTO

ÁS

BASES DA CONSTITUIÇAÕ

POLITICA

DA

MONARCHIA PORTUGUEZA

PRÉGOU NA FREGUEZIA DA ENCARNAÇAÕ

DESTA

CIDADE DE LISBOA

NA BRILHANTE FESTA, QUE POR TAÕ FAUSTOS MOTIVOS FIZERAÕ

OS DIRECTORES E ASSOCIADOS

CONSTITUCIONAES

DA PRAÇA DAS DUAS IGREJAS

POR

MARCOS PINTO SOARES VAZ PRETO,

Freire da Ordem Militar de S. Thiago da Espada, e Prior na Igreja Matriz de S. Lourenço da Villa de Alhos-Vedros.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1822.

EPYGRAFE

Dies .... hujus festivitatis .... in numero sanctorum dierum, accipitur et colitur .... ex illo tempore usque in præsentem diem.

Judith. Cap. XVI. ℣. 35.

RPJCB

Doctus in regno Cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Matth. Cap. XIII. ℣. 52.

Nenhuma das Instituições humanas; nenhum estabelecimento qualquer por mais solido, que seja ou pareça ser; nenhuma Legislaçaõ mesmo a melhor, póde permanecer sempre na integridade de todas as suas partes. Outros usos, novos costumes, circunstancias e urgencias novas forçaõ as gerações futuras naõ só a reformar os seus Códigos, mas muitas vezes a refundir todas as cousas, e até a fazer de novo todas as mollas da Maquina Politica de huma Naçaõ. Ao dia brilhante, e risonho de hum estabelecimento, que a voz geral do povo reputou santo, e util, cedo ou tarde segue-se huma noute tenebrosa causada por circunstancias novas, pela inobservancia da Lei, e muitas vezes pela soberba que a calcou aos pés, e a tornou inutil, e mesmo nociva. Fazer entaõ observar á força a Lei, que usos inveterados encontraõ, he o systema dos despotas, e de todos os máos, que achaõ sua conta no vexame dos povos. O bom Cidadaõ, o verdadeiro Sabio e prudente mede as circunstancias, calcula as cousas, e procura combinar o antigo e o novo, de modo que se consiga o bem geral, e a felicidade da Naçaõ unicos, mas muito sagrados fins de toda o Lei; em quanto a máo Cidadaõ procura a despeito de tudo conservar o edificio arruinado, que os tempos tornáraõ nocivo, e pernicioso.

Opposições pertinases, e teimosas acháraõ sempre todos os amigos do bem nas suas refórmas Religiosas ou Politicas. Ao luminoso brilho da verdade sempre se oppõe a soberba, o prejuizo, e a conveniencia, paixões terriveis que como vermes insaciaveis ralaõ, e devoraõ o co-

raçaõ dos máos. Jesus Christo mesmo, Filho de Deos, na pregaçaõ da sublime doutrina, que apprendera de seu eterno Pai, no estabelecimento da Lei da Graça, que devia substituir a Lei imperfeita do Sinay, e na formaçaõ de huma Religiaõ purissima, que segundo os Profetas devia felicitar o universo inteiro, acha contra si o fanatismo dos Scribas, a hypocrisia dos Sacerdotes, e a má fé dos Fariseos, barreiras terriveis, que naõ bastaõ a destruir, nem pódem abater-se por tantos milagres, por tantos, e taõ estrondosos prodigios com que o Homem Deos demonstra a Divindade da sua Pessoa, a Santidade da sua Doutrina, a authenticidade da sua Missaõ. Israel inteiro confessa, que só hum Deos póde fazer as obras que Jesus Christo faz — *Nemo potest hæc signa facere, quæ tu facis, nisi fuerit Deus cum illo*; (a) — mas pertinaz, e teimoso fexa os olhos á Luz da verdade, grita, clama, e conspira contra o Santo do Senhor, que lhe assegura decesivamente que o homem sabio he aquelle, que sabe prudentemente a bem dos povos substituir ao antigo, e inutil cousas novas, justas, uteis, e conformes á razaõ, e as tira em tempo competente do thezouro da sua alma aonde as conserva. — *Profert de thesauro suo nova et vetera.*

E por ventura, meus irmãos, nos nossos dias naõ vemos demonstrada com toda a amplitude a verdade desta proposiçaõ? Por ventura ás lagrimas, aos ternos gemidos, aos ferros, ás forçadas exacções, aos cadafalsos, ás fogueiras, e a todas as scenas horriveis, e tragicas, com que o vil e atroz despotismo esmagou debaixo de seus pés a grande, e magnanima Naçaõ Portugueza, e teve o arrojo de enlutar a sua antiga gloria até aos brilhantes, e memorandos dias de 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1820, por ventura a todas estas desditas que padecemos, ou vimos padecer, naõ tem succedido huma continuada, e pertinaz opposiçaõ do fanatismo, da avareza, da hypocrisia, emmissarias da impia arbitra-

(a) Joan. Cap. III. ℣. 2.

riedade taõ gloriosamente abatida nesses dias respeitaveis? Tramas baixos, viz, e infames; conspirações surdas, e disfarçadas; escritos incendiarios, e revoltosos; zelo falso de Religiaõ, e de amor dos povos; persuasões em fim, e maquinações taõ atrozes como seus desgraçados authores, naõ tem querido lançar por terra o grande, e magestoso edificio na nossa Liberdade divinamente erguido nesses dias admiraveis, e venturosos??? Ah! Portuguezes Religiosos e Constitucionaes, amigos de Deos, da Patria, e do Rei, irmãos, compatriotas meus, que vejo hoje curvados na Presença de Jesus Christo, clamai hoje com hum Profeta, na Presença do Vivente dos Seculos — He, Senhor, por puros effeitos da vossa infinita Misericordia, que temos escapado a tantas traições dos nossos perseguidores, e falsos irmãos — *Misericordiæ* (*b*) *Domini, quia non sumus consumpti.* —

Mas naõ temas, Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves. Naõ temas Povo Catholico, e adorador fiel de hum Deos verdadeiro e Unico. Naõ temas Naçaõ de Heroes. Confia no Senhor; Ama, e préza a tu liberdade, e saberás conserva-la, e defende-la. Como foi com os nossos maiores o nosso Bom Deos será com nosco. Naõ temas Naçaõ valorosa, o despotico fanatismo, a barbara hypocrisia, a atroz escravidaõ, nunca, nunca mais algemaraõ teus pulsos. O Systema Constitucional escolhido por ti, e firmado com o Juramento do Rey, formará eternamente hum muro de bronze ao Systema que torna escravos os homens, e que terá em todas as idades o odio, e aversaõ dos nossos Reis, e Povos. Naõ temas, huma e mil vezes o repito, naõ temas Portugal; Deos prometteo, e hum Deos naõ falta, elle tem cheio todos os teus desejos. Quiseste ser livre, quiseste o despotismo abatido, quiseste o Governo Representativo, tu tens tudo. Quiseste possuir na Sede da Monarchia o teu Rei, o Augusto, o Bom, o Amabilissimo Senhor D. Joaõ VI., o melhor dos Reis, o Pai da Patria, o unico Rei do Uni-

(*b*) Thren. Cap. III. ℣. 22.

verso, que faz honra ao Throno, tu o possues já. Ha hoje hum anno, que o nosso bom Deos no-lo trouxe. Ha hoje hum anno, que o nosso Deos no-lo tornou a dar taõ Virtuoso, taõ Bom, taõ Digno de Reinar, que annuindo aos votos de huma Naçaõ inteira jurou livre, e espontaneamente, ha hoje hum anno.. Oh! como correm velozes os dias venturosos! dir-se-hia ter sido hoje mesmo, na Assembléa augusta da Naçaõ jurou as Bases Sagradas da nossa Constituiçaõ Politica.

Motivos estes que vos trazem, Portuguezes desta devota Parochia, ao Templo do Senhor para recordar, e agradecer tantos, e taõ grandes beneficios que o Senhor nosso Deos nos tem feito desde principio da nossa Regeneraçaõ Politica, e de nos ter livrado pela força irresistivel de seu Braço omnipotente de tantas conspirações que os falsos Christãos tem forjado contra as Côrtes, e contra o melhor dos Reis. Digo os máos Christãos, porque a Religiaõ de Jesus Christo naõ conhece nem póde reputar seus membros os traidores, os preversos, e os Authores de Conjurações. Estes mesmos saõ os fins que me proponho tratar no meu discurso, no qual vereis pelas nossas desgraças, e pelo deploravel estado a que haviamos chegado, o bem que o nosso Rei nos fez, vindo para Portugal, e jurando o Pacto Social que haviamos firmado nas Bases da nossa Constituiçaõ. Vereis que este Rei Magnanimo deo as mãos á Naçaõ inteira, com o seu Juramento Augusto fez tudo quanto podia para segurar a nossa liberdade. Deo todos os passos para sermos felizes, poz eterno silencio aos nossos inimigos, e fez-se Crédor do nosso eterno, e respeitoso amor, e da admiraçaõ do universo inteiro. Este o plano de todo o meu discurso, no qual a escacez de minhas luzes naõ semeará flores, naõ colocará por adornos bellas, e energicas figuras, e mesmo os poucos momentos, que me marcastes para fallar-vos de taõ sublimes objectos, fará talvez que eu naõ guarde as regras da Oratoria, se he que hum coraçaõ Portuguez amante da Religiaõ, da Patria, e do Rei póde sugeitar-se a regras quando falla a Portuguezes Constitucionaes como elle.

Deos tres vezes Santo que Portugal ama, adora, em quem confia, e cuja Religiaõ tem a honra, e felicidade de professar, he a vós Senhor que eu recorro. Saõ mui superiores ás minhas idéas os beneficios que nos tendes feito, saõ acima das minhas forças os grandes factos que Portugal hoje recorda, e de que com tudo devo fallar. Ensinai-me, meu Deos, instrui-me, soccorrei-me, e por vós protegido fallarei de hum modo digno de vós, da santa Religiaõ de que sou Ministro, e do illustre Auditorio cujas attenções supplico. Começo.

Para sentirmos bem a grandeza dos beneficios, que o Ceo nos tem feito, e conhecermos toda a plenitude de graças, que o nosso bom Deos tem derramado sobre nós com mais abundancia, que a salutifera chuva sobre os vastos, e aridos campos, perciso e indispensavel he recordarmo-nos dos tristes, e pavorosos dias da nossa desolaçaõ, do nosso abatimento, e da nossa Orfandade Politica. Ouso dizer que semelhante recordaçaõ tornará mais puros, e fervorosos os cultos, que rendemos hoje á Divindade. Digo mais, que hum golpe de vista o mais rapido possivel sobre as nossas desventuras passadas nos capacitará, e a Portugal inteiro, da obrigaçaõ rigorosa, que temos de ser gratos ao nosso Deos. O astro do dia torna-se mais brilhante depois dos seus eclipses; depois de huma tenebrosa, e grande noute he sobre modo aprasivel, e encantador o dia; depois de perigosa molestia he indizivel a estima, e apreço, que se faz da saude; e a liberdade em fim sempre grata ao homem como o dom melhor, e mais nobre, que recebeo da Divindade, nunca lhe he taõ cara, nem a longos tragos bebe tantos as suas doçuras como depois dos dias infaustos de huma dura escravidaõ.

Portugal n'outros dias taõ famoso, taõ respeitavel, e taõ celebre nos annaes do Universo: Portugal, cujos habitantes faziaõ a admiraçaõ, e espanto dos povos da terra, taõ amadores da sua liberdade, e taõ ciosos da sua independencia, que arrojáraõ fóra do Continente Europeo os barbaros Agarenos, e os encerrou nos ari-

dos, e insalubres climas Africanos. Portugal taõ livre, e corajoso nos dias antigos, que prohibira a seus Reis pagar feudo ou tributo a outro Povo ou Naçaõ qualquer, dizendo-lhes que a sua liberdade era o seu melhor brazaõ — *Nos Liberi sumus.* — Portugal que em justa revendita dos insultos feitos em suas costas pelos filhos de Ismael fez tremer as Plagas Africanas pelo ferro, fogo, e carnagem, e que tivera a valentia, e o denodo de ir arvorar as Santas Quinas sobre as escaladas muralhas de Tangere, e Arsilla, e até da soberba Ceuta, que tantos povos da grande Hisperia nunca poderaõ subjugar. Portugal n'outr'ora rico, e opulento pelas producções de seu fertilissimo terreno, pela actividade de seu trabalho, pela simplicidade dos seus costumes, pela fuga da ociosidade criminosa, e mãi de crimes, pela sua brilhante industria, e pelo seu consideravel Commercio com as Nações todas, e ainda mais rico pela sua prodigiosa populaçaõ, cuja força, e valentia oppoz sempre huma barreira insurmontavel a seus inimigos. Portugal cuja coragem, e amor de gloria naõ podendo conte-lo nos seus limites do Continente Europeo o levou a coalhar o Occeano de invenciveis Armadas, que atravessando os mares foraõ na Africa, na Azia, lá nos fins do Oriente aonde o Sol doura primeiro os orizontes, fazer estabelecimentos, e acquisições espantosas, e accrescentou ao antigo hum novo mundo descubrindo a importante America, e estabelecendo-se no fertil, e precioso Brazil. Portugal em fim religioso sem fanatismo, devoto sem hypocrisia, firme a seus tratados sem doblez, frugal sem grosseria, obediente á seus Reis sem baixeza, amigo da paz sem temer a guerra, respeitado de toda a terra, que procurava a sua amisade, e o seu Commercio, chegou, Senhores, a hum ponto de desgraça, de abatimento, e miseria, que pareceria incrivel a nossos maiores se suas cinzas respeitaveis se reanimassem, e podessem ver com seus olhos a nossa situaçaõ deploravel.

A desditosa viagem de Africa, e a perda de hum Joven Rei, de hum brilhante exercito organizado da flor

da Naçaõ; o paralitico Reinado de hum Ecclesiastico respeitavel só pela sua virtude e idade, mas incapaz de governar huma grande Naçaõ; sessenta annos de hum jugo estrangeiro, menos pezado no principio pela consumada politica do primeiro Filippe, mas insupportavel nos dias de seu Filho e Neto; povos avidos de gloria que haviamos adquerido, e avaros das possessões, que tanto sangue, suor, fadigas e despezas nos haviaõ custado; por doblez, por falsidade e intriga nos usurpáraõ os nossos melhores estabelecimentos de Azia, e alguns no mesmo Brazil; eclipsada ja a nossa gloria, parados e retrogradando na espantosa carreira de nossa passada felicidade e ventura, o amor da Liberdade ainda pode tanto em nós, que sacudimos o jugo estrangeiro, démos a nossa Coroa e sentámos no Throno hum illustre Portuguez o Duque de Bragança, Ramo da antiga Stirpe Real de Portugal e primeiro Rei da Dinastia actual. Todas as forças da Europa naõ poderaõ captivar a nossa Liberdade, nós defendemos a Patria e o Rei, mas a guerra diminuindo a populaçaõ, faltando os braços á agricultura, os campos se tornáraõ estereis, inuteis as artes, e sem objecto o nosso Commercio. Começámos a comprar o paõ aos estrangeiros a quem nossos pais o venderaõ. O Luxo nos fez envergonhar dos panos, que vestiraõ a nossos pais, e comprámos a pezo de ouro, que nunca mais voltou a Portugal, o vestido e o sustento, ficando na palidez e horrores da fome tantas familias nossas, que viviaõ da agricultura e artes, mas cujo suor se nos tornára odioso por isso mesmo que era Portuguez.

No meio do Seculo passado hum Grande Rei e hum Sabio Ministro fizeraõ Leis sabias e importantes a favor da Agricultura, do Commercio e das Artes, mas estas Leis apenas promulgadas perdéraõ a inergia com a morte dos seus Authores. A revoluçaõ da França que involveo, ou em que se quiz envolver toda a Europa; a Invasaõ de 1807, ou para melhor dizer a franca entrada que demos a disfarçados inimigos a quem fôra vendida a Naçaõ e o Rei; a Sahida de Sua Megestade para a America, ur-

dida e aconselhada por infames e traidores, vendidos ao crime, á traiçaõ contra a Patria, e contra o mais amavel dos Principes, tudo isto levou a dor, a amargura, o desgosto, a consternaçaõ a todas as Classes desta briosa Naçaõ prompta a dar todo o seu sangue em defeza do Rei, antes que ver pizado o Solo Luzitano por esse bando desgraçado de esfaimados abutres. Os nossos thezouros, as nossas riquezas passáraõ a outras maõs, os nossos portos se fecharaõ ás Nações, e até o que nossos pais tinhaõ offerecido a Deos nos seus Templos, e que só poderia dahi tirar-se para sustentar a gloria da Coroa, ou matar a fóme aos pobres, foi objecto da rapina dos falsos protectores. Semelhantes horrores nos despertáraõ, semelhante humiliaçaõ nos indignou, o amor da Liberdade se desperta em nós, arvoramos as Santas Quinas Luzitanas diante de quem tremem o inferno e todos os inimigos de Deos, invocámos o Senhor, todos os Portuguezes correm ás armas e fórmaõ hum só exercito animado do mesmo amor da Liberdade e desejo da vingança, salvámos o credito das nossas armas, recobrámos a nossa Coroa, libertámos a Patria dos ferros, que arrastava, mostrámos ao mundo, que eramos filhos dos antigos Portuguezes, ensopámos o nosso terreno no sangue immundo dos infames satelites de hum despota, que espantara o mundo, e espancámos para além dos Perinéos os restos timidos e fugitivos disso a que Austrelits, Jena, e Marengo chamara Falanges terriveis.

Tal devia ser a epoca do nosso restabelecimento; entaõ devia começar o dia da nossa ventura para nunca mais se eclipsar a nossa gloria... Mas a nossa perda se havia jurado. Nós estavamos vendidos por Aulicos preversos e traidores, e o nosso Rei era involto na nossa desgraça. O dia do nosso triumpho foi aquelle em que os traidores decretáraõ a nossa humiliaçaõ, pobreza, e escravidaõ. Preversos conselhos conservváraõ o Rei além do Atlantico para que longe o Pai pudessem ser massacrados os filhos, longe o Rei podessem ser escravisados os subditos, longe o Reinante podesse ser roubado o

Thezouro, e vendida a Coroa mesma. Tratados vergonhosos e humiliantes até com os barbaros de Argel; injustiças manifestas; oppressaõ descarada; abandono absoluto da corajosa tropa, que salvara a Patria, e que chegou a mendigar a esmolla na mesma Capital aonde havia entrado coroada de Louro; os Cargos Religiosos e Politicos vendidos a homens indignos; o direito de propriedade calcado aos pés; o patrimonio dos Cidadaõs benemeritos dado a ociosos e inuteis Cortezaõs, o sangue dos pobres servindo ao Luxo; as masmorras, os cadafalsos, o degredo, a confiscaçaõ de bens; eis a remuneraçaõ que os inimigos da Patria e do Rei deraõ aos seos deffensores. Hum novo methodo de guerra se inventou contra os Portuguezes, póstos já em pratica todos os outros. Huma invasaõ de generos Cereaes, em que o Despotismo foi enteressado, quebrou o arado, a charrua, os utencilios da nossa lavoura, cobrio os campos e herdades de espinhos e abrolhos, e cubrio de mizeria, e levou á mendicidade os homens mais uteis da Sociedade. Logo o Commercio, a Marinha tudo desapareceo, e pouco faltou que do Mappa do Mundo se riscasse Portugal, de quem no Congresso de Dresda naõ se fizera caso. A julgar de Portugal e dos Portuguezes por este quadro dir se-hia com rasaõ, que as nossas antigas façanhas foraõ hum sonho e huma bem arranjada novella. Portuguezes houveraõ, que sensiveis á desgraça da sua Patria quizeraõ salvalla.... mas nos Conselhos Eternos naõ estava chegado o momento da nossa ventura; o despotismo atroz e infame devia chegar ao cume da sua malicia... cruel, barbara, e infame morte, depois de carceres e tormentos, no meio da Capital dos Luzos foi a paga da sua coragem....

Levanta-te, ó Deos, levanta-te. — *Exurge exurge, Domine* — Levanta-te ó Deos, naõ pareçais dormir, naõ te façais insensivel á desgraça dos Luzos. *Exurge, quare obdormis, Domine* (*a*) — Ouve, Senhor, os gemidos das victimas, vê como saõ tratados os filhos da Pa-

(*a*) Ps. XLIII. ỷ. 23.

tria, vê como corre este sangue innocente, applaca, Senhor, a tua ira. Ó Deos, vinga... vinga, Senhor Deos das justiças, o nosso sangue injustamente derramado — *vindica sanguinem nostrum qui effusus est.* — (*a*) Lembra-te das Promessas que fizestes a nossos pais, accelera os dias da nossa reparaçaõ, torna-te o nosso Protector, conheça o inferno, a injustiça, o despotismo, que nós te adoramos. Ah! Irmaõs meus, o nosso Deos ouve os gemidos do afflicto e consternado Portugal, despacha as suas Supplicas, o grito do Sangue innocente o faz levantar no Solio de Sua Tremenda Magestade, compadecido dos afflictos Portuguezes « Confortai-vos, » lhes diz, confortai-vos, e sede robustos como vossos » pais o foraõ. Recobrai, Portuguezes, a vossa Liberda- » de. Esta a época marcada por Mim para a vossa ven- » tura. Ide, restabelecei a minha Religiaõ dos vergo- » nhosos abuzos de que o fanatico e o hypocrita a vesti- » raõ: tornai-a doce, suave, e tal qual eu a formei, e » Jesus meu Filho a ensinou. Maldito aquelle que lhe » accrescenta ou déminue alguma cousa; he vedada ao » homem alterar a obra de Deos. Ide, salvai o vosso » Rei das maõs dos inimigos, que o cercaõ e o illu- » dem, amai-o, respeitai-o, elle fará a vossa felicidade. » Ide abatei o despotismo.. mas poupai o sangue dos » vossos oppressores, e Eu sou com vosco » — *Noli timére popule meus, ecce ego tecum sum; dicit Dominus Deus Exercituum.* — (*b*)

Diz, e logo da antiga á nova Sede da Monarchia surge voz forte e robusta que proclama e grita — Liberdade. — Lisboa ouve a voz do Porto e repete — Liberdade. — As vozes se encontraõ, abraçaõ se, engrossaõ, e fórmaõ estrondoso ecco que retumba — Liberdade — em toda a Monarchia. A esta voz a todo o homem grata, mas ao verdadeiro Luzo mais que a outro, Portugal desperta, accorda da Letargia em que as suas desditas o lançáraõ, e com voz valente e corajosa, vestindo as ar-

(*a*) Apocal. C. VI. ℣. 10. — (*b*) 2 Reg. C. XIII. ℣. 28.

mas repete — Liberdade. — O despotismo malvado ouve tambem esta voz e atterra-se, o horror lhe eriça os cabellos, a palidez da morte lhe descóra as faces terriveis, os olhos furibundos erraõ de huma a outra parte, raivoso enastra de serpes a rugada fronte, fingindo coragem que naõ tem, recorda e prepara masmorras, carceres, tormentos, ferros, cadafalsos e fogueiras para os filhos da Patria, e com surrizo maligno o rebelde chama rebeldes aos filhos de Deos. Entaõ os aguerridos Heróes que no Vimeiro, Roliça, Badajós, Talavera, Arapilles tinhaõ espedaçado as aguias Francezas, pegaõ das Armas, e do Norte ao Sul, do Sul ao Norte da Monarchia procuraõ a Origem da Voz Sagrada; encontraõ-se e abraçaõ-se os povos, correm em tropel e com a tropa se confundem, ninguem padece porque ninguem maltrata. Os mesmos fins, os mesmos motivos, a mesma causa, os mesmos interesses ligaõ a todos; o mesmo espirito os anima, o mesmo pacifico dezejo da Liberdade fórma de todos os bons Portuguezes hum só corpo, hum só orgaõ, huma só vontade, huma só voz que proclama Liberdade.

Os instrumentos, que o inferno inventou para extinguir a especie humana e que levaõ o estrago, o sangue, e a morte, daõ fogos de alegria, e se deixaõ vestir dos viçosos ramos da arvore emblema da paz. Acabaõ-se os odios, terminaõ as rixas, os inimigos olhaõ-se e abraçaõ-se, os interesses particulares cedem ao bem geral, he huma só familia, que se alegra, e regosija. O despotismo cahe de si mesmo debaixo do pezo enorme de seus crimes, e os Luzos o deixaõ illezo, estendido no chaõ, envolto no pó, reputando indignidade manchar suas maõs no sangue infame dos perseguidores seus, deixaõ-lhe a vida para seu castigo, confuzaõ, e opprobrio, e deixaõ á opiniaõ publica marcallos do execrando ferrete da abominaçaõ da geraçaõ prezente e das vindouras. Naõ, naõ corre o sangue, naõ se dá a morte, o roubo, o insulto; a palavra menos docorosa está longe destes dias venturosos. Ó Deos meu, as vossas obras saõ perfeitas, os Portuguezes reconhecem o vosso Dedo Omnipotente em to-

dos os dias notaveis da sua Regeneraçaõ Politica! Parece-me, Senhores, ver renovada no dia 24 de Agosto, e no dia 15 de Setembro de 1820 a brilhante Scena de Ourique. Parece-me que a Protecçaõ do Ceo foi mais visivel, mais decedida nestes dias para os Portuguezes que nunca!

Em Ourique eu me represento nossos maiores curvados até á terra escutar promessas vantajosas, que devem verificar-se na sua posteridade; no Porto e em Lisboa eu vejo os Portuguezes sentindo o Impulso Superior, escutando a Voz do seu Deos, que lhes falla ao coraçaõ, que promette protegellos, e que os faz gostar logo as delicias da Liberdade que lhes dá. Direi ainda mais, que em Ourique Deos promettia a nossos Pais a gloria brilhante destes dias venturosos, porque entre tantas e taõ estrondosas victorias que os Portuguezes alcançáraõ em todas as épocas, nenhuma tem semelhança, nem póde comparar-se com a victoria destes dias. Aquellas foraõ alcançadas pela força, á custa de muito sangue, e pelo barbaro direito da guerra que a natureza he forçada a odiar, esta foi alcançada pela razaõ, pelo direito incontestavel dos Povos, pelo amor da Liberdade, o melhor bem que podemos possuir. Aquelles deixaõ opoz de si odios, estragos, e a ruina do vencido e do vencedor. Esta produz e traz comsigo o amor, a uniaõ, a paz, o bem da prezente geraçaõ, e a felicidade dos vindouros. Naquellas perde a Patria muitos Cidadãos, que a sustentaõ e deffendem, e todas as classes perdem vidas que as animavaõ; nesta nada se perde, e pódem aproveitar-se até o que era máo. O resultado daquellas he sempre incerto, e muitas vezes o vencedor perde mais que o vencido; nesta o vencimento he sempre certo, porque nenhuma Naçaõ que pertendeo deveras ser livre deixou de o conseguir. Aquella Boca Sagrada que fallou no Sinay, no Tabor, no Calvario, em Ourique, tambem nos fallou agora, e nos disse: Pedi, Portuguezes, pedi, e o vosso Deos vos concederá tudo. — *Petite et accipietis* (*a*). —

(*a*) Joan. Cap. XVI. 23.

Como, como desconhecer a Obra, a Voz, a Maõ do Omnipotente nestes grandes dias! Talvez que o credulo, que nutre e digere tudo quanto os máos lhe contaõ: talvez, que o fanatico, que vive dos abuzos que elle e outros Sacrilegos como elle introdnzíraõ na Santa Religiaõ de Jesus Christo: talvez, que o hypocrita, que naõ se envergonha de attribuir á Divindade apparições, erros, e indignidades, que a deshonraõ; talvez neguem a influencia divina e absoluta do nosso Deos nestes dias admiraveis! Por ventura he proprio de huma Naçaõ inteira ver abatido o collosso do Despotismo, que o escravizava, e naõ insopar suas mãos no sangue dos seus inimigos? Por ventura he proprio do coraçaõ humano ter nas suas mãos os seus aggressores, e naõ os punir? Por ventura he proprio de hum Povo composto de muitos homens com diversos sentimentos, diversas paixões, diversa educaçaõ, diverso modo de pensar, vêr cahido em terra hum Governo, elleger pacificamente outro, e em quanto este naõ se vigora, naõ toma forças, naõ ganha inergía e credito, e naõ apparecer o menor sinal de anarchia? A Religiaõ, que temos a honra de professar, nos manda attribuir ao nosso Deos todo o bem que fazemos, e póde dar-se a outro a gloria principal destes dias venturosos? Naõ, Senhores.

Meu Deos, os Portuguezes Constitucionaes saõ Catholicos, saõ vossos adoradores, e de bom grado confessaõ o influxo da vossa maõ poderosa, os effeitos da vossa Sabedoria movendo á Liberdade, á paz, á uniaõ todos os Portuguezes. Elles vos cedem a gloria destes dias venturosos, porque sem vós nada de bom poderiaõ fazer. Vós vistes lá do Ceo a nossa desgraça, e illuminastes os Portuguezes — *Illuminans tu a montibus æternis* (*a*) — e pela força poderosissima do vosso Braço confundistes no pó todos os máos. Elles dormiraõ o somno da iniquidade — *Dormierunt somnum suum* (*b*) — Como o tigre que traz para a cova a preza exangue, e dorme tendo-a junto a si meia delacerada, elles repousáraõ sobre o san-

(*a*) P. LXXV. ℣ 5. (*b*) Id. ℣ 6.

gue das victimas. — *Dormierunt somnum suum.* — Avezados a ouvir os gemidos dos infelizes já estes eccos de horror os provocava ao repouso — *Dormierunt somnum suum.* — Foi entaõ que Vós os despojastes de tudo, e quando accordáraõ naõ acháraõ victimas que devorar, riquezas que usurpar, nem poder de que abusassem. — *Et nihil invenerunt in manibus suis omnes viri devitiarum* (*a*). — Esta obra he vossa porque excede as forças da prudencia humana. — *A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris* (*b*). Bemdito sejais Senhor Deos do Ceo e da terra, que fazeis taes maravilhas! Abençoado seja o Nome da vossa Divina Magestade para sempre em todas as gerações pelos Portuguezes, assim aconteça, assim aconteça. — *Et benedictum Nomen Magestatis ejus in æternum : .. fiat, fiat.* —

— *Fiat* — ! Faça-se ! ! ! Esta palavra poderosa que proferida pelo nosso Deos tirou do nada quanto existe, e que se contra o Universo a proferisse outra vez mandaria ao nada quanto ha, esta mesma palavra foi proferida pelo Senhor nestes dias venturosos sobre as Supplicas dos Portuguezes. Ah! E quem podia resistir a esta palavra poderosa do Deos forte e terrivel? E como a nova ordem das cousas naõ caminharia ao seu fim se o nosso Deos a consolidava? — *Tu terribilis es, et quis resistet tibi?* — Portugal todo clamou: « Senhor, que » a vossa Santa Religiaõ, tal qual vós a formastes, viva » entre nós e nossos vindouros. Nós naõ queremos outra. » Nós queremos conservar pura e sem abuzos a Santa Reli- » giaõ de nossos Pais. » — *Fiat* — faça-se, decreta o Senhor; Elle illumina os Representantes da Naçaõ, he este hum Artigo essencial das Bazes da Constituiçaõ Politica que todos juraõ. « Senhor, que o Systema Constitu- » cional nasça, cresça, e se torne robusto entre nós, que » elle viva, que por elle sejamos governados nós e as » gerações futuras, que nos melhore e faça felizes as » idades vindouras. » — *Fiat* — faça-se, decreta o Se-

(*a*) Id Ibid. (*b*) Mathe. Cap. XXI. ℣. 42.

nhor, e illuminando lá do Ceo os Representantes da Naçaõ he este outro Artigo das Santas Bazes que jurámos. « Senhor, dissemos nós ainda, Senhor nós que-
» remos ao VI Joaõ por nosso Rei, porque elle he Bom,
» he Justo, he nosso Amigo, he o nosso Pai terno e es-
» tremoso, nós o amamos, nós o queremos, e naõ quere-
» mos outro. Que elle nos governe pela Lei que as Cor-
» tes fizerem, que elle viva dilatados annos, e que a sua
» Dinastia governe sempre os Portuguezes. » — *Fiat* — faça-se, decreta o nosso Deos, e he este outro Artigo das Bazes que jurámos.

Povos de toda a terra vinde, vinde vêr a gloria dos Portuguezes! vinde admirar a obra de Deos, vinde vêr como o Senhor nos ama! Os Povos invocaõ o Spirito do Altissimo, fazem as suas eleições, instalaõ-s as Cortes Soberanas, formaõ-se e juraõ-se as Bazes da Constituiçaõ Politica da Monarchia, olhaõ-se com horror os estragos do despotismo, começaõ a brilhar de toda a parte as vantagens do novo Systema. A philantropia anima os corações dos Representantes da Naçaõ. O bem da Naçaõ, a felicidade dos Povos, a segurança de huma justa liberdade, a impossibilidade do restabelecimento do systema escrávisador dos Povos, fórmaõ o objecto de todas as suas fadigas, e disvellos. Portugal começa a gozar novos bens ... mas no meio de tudo isto falta o Pai, falta o Rei. Os bons Portuguezes, os amigos do bem esperaõ que elle volte aos seus braços, querem vello e possuillo de perto, e fiéis á idéa que sempre formáraõ de sua grande Alma, inflamados no seu Amor, reputariaõ criminoso o pensamento que posesse em duvida que elle annuiria aos nossos votos, e quizesse o nosso bem. Outros, ou máos, ou de hum pensar pouco recto, ou afferrados ao systema em que nasceraõ, ou pouco amigos de huma justa Liberdade, insultaõ o seu Augusto Caracter, naõ digo dezejando, mas pensando que naõ annuirá aos rogos unanimes de huma Naçaõ constante, que o ama, que o escolhe, que fez por elle tantos sacrificios, e que está prompta a sustentallo no Throno a despeito dos seus bens,

da vida, e do sangue, e que em fim quer de bom grado sustentar o seu Rei, o seu Pai commum, do melhor, do mais certo, do mais bem seguro dos seus bens. Mas como se illudiaõ os homens pouco direitos no seu modo de pensar.

As obras de hum Deos saõ completas. A voz que nos fallava, lhe fallava ao mesmo tempo. O Spirito do bem que nos animava, animava tambem o Rei. O grito da verdade retumba em seus Ouvidos, e ressoa nas Regias abobadas. O Snr. D. Joaõ VI. quer governar filhos, e naõ escravos. Quer fazer a felicidade dos Povos, de que hum dia hade dar conta no Tribuual do Eterno, depois de ser julgado pela opiniaõ pública, e naõ quer ser instrumento da desgraça dos seus Subditos nas mãos dos máos. Quer que o seu Nome Augusto sirva de consolaçaõ e gloria aos Portuguezes, e naõ que delle se abuze impiamente. Quer fazer sempre o bem, e nunca o mal. Conhece muito bem o coraçaõ dos Portuguezes, porque elle he o primeiro Portuguez. Quem taes sentimentos tem, nada tem que temer. Entrega-se nos braços dos seus caros filhos. Lá mesmo no outro Hemisferio proclama e jura o Systema Constitucional, anhelando unicamente o nosso bem sulca os mares, que placidos e pacificos lhe daõ franca passagem; o Eterno afferrolha nos antros da terra os tufões, as tempestades e as tormentas; brandos e agradaveis ventos impelem, revoaõ em torno da Náo, e a conduzem. O Rei entra no Tejo, alvoroçaõ-se os Povos, o Deos do Ceo he abençoado de todos os Portuguezes rectos, nas vozes dos Povos se elleva até ás Nuvens o Nome Augusto do Rei Constitucional; a Naçaõ representada nas Cortes lhe manifesta o seu regozijo e estima, e o assegura por huma Deputaçaõ respeitavel do seu afferro e amor invencivel contra os tramas da impiedade.

Despovoaõ-se os Campos, as Villas, e os Lugares, todos correm a ver, a admirar, a dar louvores ao melhor dos Reis, ao mais terno dos Pais. O Snr. D. Joaõ VI. salta em terra no meio das acclamações geraes de todos os bons Cidadãos, vai ao Templo do Senhor adora-lo,

he conduzido á Assemblea da Naçaõ aonde, honrando as Insignias Reaes, jura livre e espontaneamente as Bazes Sagradas da Constituiçaõ Politica, e o Systema Constitucional; escuta ali a voz da verdade da boca de seus filhos, que lhe fallaõ com cordialidade, franqueza, e Liberdade regulada. Ó com quanta franqueza, com quanto amor, com quanta candura, este Rei maior que os Alexandres, e os Augustos, vencedores do mundo, responde á Naçaõ representada, que elle jura de todo o seu Coraçaõ, o mesmo que já havia jurado na Corte do Rio de Janeiro, que elle nunca qnizera senaõ a felicidade e bem estar do seu Povo. Se o Systema Constitucional o faz descer alguns degráos do Throno, he para collocallo mais proximo aos Portuguezes, para pollo junto dos filhos, para ouvir as suas queixas, para differir as suas supplicas. Entaõ os máos se confundem, os impios emudecem, o despotismo se desfaz. O Rei çerra os Regios Ouvidos ás sugestões dos preversos, fiel ao seu Juramento faz as nossas delicias, a nossa ventura e felicidade. O Universo inteiro pasma, admira, e inveja a fortuna dos Luzos, que agradecidos ao seu Rei lhe erigem nos seus corações magestosos Thronos. E he esta, obra dos Homens? Naõ, senhores, o Senhor nosso Deos he o seu Author. — *A Domino factum est istud* —

Ó dia feliz e venturoso 4 de Julho de 1821! As Mãos Omnipotentes do Senhor te fabricáraõ, os Portuguezes estaraõ alegres e exultaraõ sempre em todas as idades neste dia venturoso. Dia já recommendavel para os Luzos pelo anniversario da Coroaçaõ Celestial de huma Santa Rainha dos Portuguezes, a Espoza do Grande Diniz, a Bemaventurada Isabel, cujas virtudes o Senhor Deos das Justiças premiara neste mesmo dia; ó dia venturoso tu duplicastes a nossa gloria dando-nos o melhor dos Reis, o mais terno dos Pais, o mais justo dos Homens, o modelo, o exemplar dos Monarchas da terra! dia brilhante, o Senhor te formou, ah! que os tempos, as idades, a eternidade mesma naõ possa eclipsar-te, nem dislumbrar a tua gloria!!! Exultemos, meus irmãos,

alegremo-nos hoje — *Hæc, dies, quam fecit Dominus, exultemus et lætemur in ea* — (*a*).

E quem diria, Senhores, quem havia de pensar, que depois de tantos factos que demonstraõ o Dedo do Omnipotente na grande obra da nossa Regeneraçaõ Politica, haveriaõ impios cuja malicia quizesse arrostar a obra de Deos? Quem havia de dizer que no seio de Lisboa e Portugal existiaõ tigres, monstros malvados, que pertendessem demolir o Edificio da nossa liberdade, massacrar.... ó horror!! a Asembléa Augusta da Naçaõ, e arrancar a Coroa, o Sceptro, a Purpura ao melhor dos Reis! Quem diria que o Snr. D. Joaõ VI havia ser odiado dos máos só por querer o nosso bem! Que as suas sublimes Virtudes haviaõ ter inimigos!!! E com tudo... huma cafila infame!!! impios conjuradores!!! huma conspiraçaõ!!!! Naõ vos assusteis, Portuguezes Constitucionaes, naõ temais que eu pronuncie os nomes infames dos inimigos do bem. Eu bem sei que os nomes execrandos dos preversos naõ enlutaõ, naõ devem profanar a Santidade das Asembléas Santas. Deos completou a sua grande Obra, á Vigilancia do sabio Ministro das Justiças naõ escapou a infernal conjuraçaõ. Ella foi descoberta, o laço que nos queria a marrar outra vez ao carro infame do despotismo foi quebrado; as Cortes, o Rei e a Patria, tudo está Livre — *Laqueus contritus est et nos liberati sumus* — (*b*).

Portuguezes Constitucionaes desta Parochia Illustre; amigos de huma justa Liberdade regulada pela Lei; amigos fieis da Naçaõ e do Rei; verdadeiros Christãos, fieis imitadores de Jezus Christo, obervadores exactos de sua divina Lei, na obediencia ás Auctoridades Supremas e no manifesto empenho com que vós, dignos Portuguezes, Parochianos desta devotissima Freguezia com o vosso respeitavel e muito Constitucional Parocho vos dedicaes a soccorrer os pobres, a quem tendes morto a fome, e soccorrido nas molestias e desditas de huma exis-

(*a*) Transportes da Santa Igreja no Officio da Pascoa.
(*b*) P, CXXIII. ℣. 7.

tencia dolorosa, e vós todos, Senhores, que me escutais, e que vos regozijais com a grande e magestosa Obra da nossa Regeneraçaõ Politica, alegrai-vos no Senhor, huma e mil vezes vo-lo repito com o Appostolo das Nações, alegrai-vos no Senhor, — *Gaudete in Domino, graties, iterum dico, gaudete* — (*a*) O vosso honesto e prudente regozijo seja conhecido de todos os Portuguezes, e de todos os habitantes da terra. — *Modestia vestra nota sit omnibus hominibus.* — (*b*) Unidos ao Ministro Publico do Culto levai hoje até ao Throno do Deos das Mizericordias as vossas acções de Graças pelos sublimes e estrondosos beneficios, que recordamos. Offerecei com o vosso Pastor o Sacrificio de Religiaõ, e esta Hostia pura, infinitamente agradavel aos olhos da Divindade será muito digna retribuiçaõ por tantos bens que o Ceo tem concedidos a Portugal, beneficios que a nenhuma outra Naçaõ concedeo deste modo, — *Non fecit taliter omni nationi* (*c*). — Louvai o Senhor, meus Irmãos, e convidai a louvallo com vosco todas as creaturas do Ceo e da terra.

Deos e Senhor meu, a Vós se dirige agora o vosso Ministro; o pó da terra ousa nesta hora fallar ao Senhor Supremo do Ceo e da terra, interpetre dos votos e cordiaes desejos destes Portuguezes religiosos, e amigos da boa Causa vos rogo, Senhor, que aceiteis benigno os seus gratos e sinceros sentimentos, os seus ternos e affectuosos agradecimentos; e ainda em seu nome e em nome de toda a Naçaõ vos rogo, Deos meu, que remateis e torneis perfeita, e de todo completa a nossa Regeneraçaõ Politica. Dai, Senhor, aos nossos Irmãos os Habitantes do Brazil hum coraçaõ recto, dai-lhes hum Spirito de Uniaõ para que os Portuguezes de ambos os Hemisferios unidos por vinculos insoluveis de amor, de confiança, e de recipoca dependencia, huns e outros vos amem, vos sirvaõ, e sejaõ felizes. Rasgai, Senhor, rasgai de huma

(*a*) Ad. Filip. Cap. IV ℣. 4. (*b*) Ida ℣. 5.
(*c*) P, CXLVII. ℣. 20.

18-388 ee

vez as discordias e as intrigas; rompei e tornai inutil o systema da divizaõ. Completai inteiramente esta grande obra, confundi e lançai no pó todos os que pertendem semear a vil discordia entre os filhos da Mãi Patria. Vós, Senhor, déstes ao Rei dos Luzos o vosso Juizo, Vós movestes a sua grande Alma, Vós dirigistes o seu Coraçaõ, vós obstruistes a boca dos que fallavaõ iniquidades; o nosso Rei seguio o vosso Juizo, trilhou os caminhos da Justiça, e consolidou a nossa ventura; Portugal todo com lagrimas e gemidos vos pedira esta graça. — *Deus judicium tuum Regi dá.* — (*a*) Dai tambem a rectidaõ, a obediencia, o amor dos Povos ao Principe Herdeiro do Throno, ao Filho do Rei — *et justitiam tuam filio Regis.* — (*b*) Ah! Senhor, ouvi hoje a vóz de huma Naçaõ inteira, ouvi a vóz de hum Pai terno e estremoso, ouvi os votos da Real Familia; dai a rectidaõ e o acerto ao Principe Real. — *et justitiam tuam filio Regis.* — Que elle naõ divida o Manto Real, que elle naõ seja Instrumento do mal nas mãos dos impios. Que elle naõ amargure os dias do melhor dos Pais, que elle naõ forçe o melhor dos Reis a punillo, que elle naõ enlute a nossa gloria, ó Deos dos Portuguezes, dai a vossa Justiça e tornai recto o coraçõ do Principe — *dá Juditium* — *Dá justitiam filio Regis.* — Portugal grato até ao fim dos seculos vos dará toda a gloria da sua felicidade e ventura. A idade prezente, as gerações futuras em todos os seculos, erguendo as mãos ao Ceo, curvando a cabeça á terra, e convidando todo o creado aos vossos Louvores, o Reino-Unido de Portugal Brazil e Algarves vos dirá agradecido:

— *Te Deum Laudamus. Te Dominum Confitemur.* —

DISSE.

(*a*) P, LXXI. ℣ 2. (*b*) Id. Ibid.

c822
B862c
cop. 2
v. 2